

## FORMAÇÃO DA CRÍTICA LITERÁRIA NO RIO GRANDE DO SUL

Carlos Alexandre Baumgarten  
Faculdade Porto-Alegrense de  
Educação, Ciências e Letras

No Rio Grande do Sul, a crítica literária surge a partir da segunda metade do século XIX, em razão de duas causas básicas: a penetração dos ideais românticos no Estado e o surgimento de um grande número de periódicos na Capital e no interior. O ideário romântico penetrou no Rio Grande do Sul somente no final dos anos sessenta do século XIX, quando no centro do País já entrava em declínio, cedendo lugar para o realismo-naturalismo que começava a se estruturar. No entanto, em função do ambiente propício encontrado em solo gaúcho, o romantismo teve aqui larga repercussão, marcando toda a produção crítica da época, na qual se destacaram Glodomiro Paredes, Bernardo Taveira Júnior e Apolinário Porto Alegre. Assim, o ideário romântico deitou raízes no Rio Grande do Sul graças, sobretudo, ao grande número de periódicos de caráter informativo/político e também exclusivamente literário surgidos no Estado a partir dos anos sessenta, notadamente. Incluem-se neste caso a *Arcádia* (1867), a *Revista do Partenon Literário* (1869), *Murmúrios do Guaíba* (1870), *Revista da Sociedade Ensaio Literários* (1875), entre tantos outros aparecidos na década compreendida entre 1870 e 1880.

O primeiro texto de natureza crítica encontrado em nossa imprensa é *Poetas e poesia*, de Glodomiro Paredes, publicado na *Arcádia*, no ano de 1869. Seguem-se a ele os textos de Bernardo Taveira Júnior, também publicados na *Arcádia*, nos anos de 1869 e 1870, intitulados *Reflexões sobre a literatura rio-grandense* e *Mulher e mãe*. É de 1873 o mais importante dos textos críticos da época, *José de Alencar — estudo biográfico*, de autoria de Apolinário Porto Alegre, publicado nas páginas da *Revista do Partenon*

**Literário.** Pertence ainda ao inventário inicial de nossa crítica literária o texto *A literatura no Rio Grande*, de Antônio Pinto, publicado em 1869, nas páginas da *Arcádia*. Aos textos críticos, juntam-se as notas de caráter crítico presentes nos jornais predominantemente informativos e políticos. São, em geral, notas sem indicação de autoria, de pequena extensão, mas de importância para que se possa medir o nível de recepção de determinados textos literários.

Os textos críticos e as notas de caráter crítico, frutos que são do ideário romântico, apresentam uma uniformidade de posicionamento frente ao fato literário, além de se mostrarem diretamente dependentes do nacionalismo indianista/regionalista que marcou toda a produção literária da época. Assim, a crítica veiculou predominantemente as seguintes noções:

a) a preocupação com a não-imitação do modelo estrangeiro, tendo como contrapartida o desejo de criação de uma literatura nacional, idéia tributária do nacionalismo romântico;

b) relação permanente da produção literária com o momento histórico brasileiro, onde o País é visto como uma terra politicamente livre e, portanto, necessitando libertar-se culturalmente;

c) a preocupação com a criação de uma literatura representativa da terra, não no plano nacional, mas no regional, antecipando no plano da crítica o que seria realizado literariamente mais tarde — o regionalismo literário;

d) a consciência de que o Estado ainda não possuía uma crítica literária propriamente dita, na medida em que tal atividade estava a cargo de jornalistas e não de especialistas no assunto.

Observem-se as seguintes citações retiradas dos textos anteriormente mencionados e que comprovam o que se acaba de afirmar:

O drama é todo brasileiro. O ilustrado poeta deu todo o perfume, toda a vida e colorido da natureza americana à sua produção. Não há o arrastado, a triste imitação que infelizmente invade nossa literatura. No mesmo dia em que o Brasil conquistou a sua autonomia política, nessa mesmo dia rasgou sobre o solo e o espaço em que devia erguer o monumento grandioso de sua literatura. A aurora esplêndida do dia sete de setembro assinalou não só a nossa independência política, como a emancipação de nossa literatura.<sup>1</sup>

Já me quer parecer que vejo um Bernardim Ribeiro a descrever a vida do gaúcho, o ser nacional por excelência, tão cheia de lances poetizáveis... o Rio Grande que, moralmente, forma uma nação

à parte, também terá uma literatura, propriedade sua, tão sua como são esses moutados que se azaleçam ao sol de maio, estas capoeiras merchetadas com as flores alvas do camboim...<sup>2</sup>

Como há de um jornalista avaliar o mérito de um drama, de uma poesia, de um romance, de uma história ou mesmo de qualquer produção artística, se ele não conhece a estética de nenhuma dessas coisas.<sup>3</sup>

Estes primeiros textos críticos, como se pode observar, constituem-se muito mais num discurso político de caráter nacionalista do que numa pareciação do texto literário propriamente dito. Em verdade, a crítica que se praticou inicialmente no Rio Grande do Sul tinha como objetivo maior a procura de caminhos para a literatura gaúcha, não se mostrando muito preocupada com o exame das produções literárias que aqui se realizavam. No entanto, não se pode negar a importância que teve a crítica, através do periódico, para o desenvolvimento e a difusão da literatura do Rio Grande do Sul, no momento em que o Estado conhecia sua primeira escola literária.

Foi a partir da República que a crítica literária conseguiu atingir maior profundidade e especialização, principalmente devido às teorias taineanas e comteanas que, passando a dominar o cenário cultural sul-rio-grandense, imprimiram à atividade crítica maior rigor e disciplina. Ainda aqui, a crítica literária era crítica de jornal, despontando os periódicos *A Gazeta de Porto Alegre*, a *Reforma*, a *República*, o *Petit Journal* e o *Correio do Povo*. Deste período são os trabalhos de Alcides Maya, sem dúvida o primeiro, dentre os gaúchos, que apresentou uma produção crítica contínua e harmônica. Os ensaios críticos de Alcides Maya, embora quase todos reunidos em livro, surgiram inicialmente nas páginas de nossos principais periódicos, como foi o caso do conhecido *Literatura Nacional*, publicado primeiramente em 1898, n' *A República*, ou o de *A nossa história literária*, publicado no *Correio do Povo*, em 1899, ao longo de três números, sob os títulos *Literatura brasileira* e *Literatura nacional*, reunidos, mais tarde, em 1900, no livro intitulado coerentemente *Através da imprensa*. Ao lado dos textos que discutiam problemas relativos à literatura brasileira, Alcides Maya publicou uma série de outros, onde a produção intelectual estrangeira também foi alvo de exame. Este é o caso de um conjunto de textos publicados no *Correio do Povo*, sob o título *Estudos e notas*, onde se examinam *Cyrano de Bergerac*, de Rostand, *Com-*



plications sentimentales, de Paul Bourget, Casa de Bonecas, de Ibsen, que comprovam o largo conhecimento e atualização cultural deste que foi nosso primeiro crítico digno de nota, dada a variedade de sua produção. A partir de Alcides Maya, portanto, a crítica literária no Rio Grande do Sul consolidou-se definitivamente como uma prática constante e cada vez mais especializada, além de se apresentar sempre vinculada ao jornal, fato que em grande parte permanece até nossos dias.

Nesse conjunto de textos de Alcides Maya, já é possível encontrar alguns conceitos, algumas formulações de ordem teórica, que evidenciam a existência de um trabalho crítico organizado. Assim, é a caracterização que faz da crítica literária, a que confere natureza analítica e, por que não dizer, científica. Veja-se a seguinte afirmação:

Incumbe à crítica de deduzir dos fatos a lei, dos caracteres a classe e das observações a teoria.<sup>4</sup>

Este é também o caso de suas observações a respeito do romance enquanto gênero literário moderno.

Nenhum gênero literário, depois da epopéia vazada nos moldes homéricos, hoje estemporâneos, conseguiu retratar tão fielmente a consciência de um povo, em dado momento de sua história e em certas circunstâncias de sua vida, como o romance moderno.<sup>5</sup>

Alcides Maya exercitou, ainda, sua capacidade no exame de textos críticos e de história da literatura brasileira, quando examinou os Novos estudos de literatura contemporânea, de Sylvio Romero, ou O romantismo brasileiro, de José Veríssimo. Sobre o primeiro afirmou:

A história da literatura brasileira acha-se incompleta; as teorias do primeiro volume, admiravelmente desenvolvidas e bem expostas, não tiveram nas páginas do segundo o complemento esperado. (...)

A verdade é que o distinto escritor serve antes para dissertar, discutir e fazer propaganda que para empreender vastos estudos de conjunto, traçando quadros exatos, de unidade teórica e de rigorosa exatidão. (...)

Os "Novos estudos de literatura contemporânea" têm os defeitos e não possuem as qualidades das obras precedentes do autor.<sup>6</sup>

A respeito do trabalho de José Veríssimo, Alcides Maya mostra-se ainda mais duro e irônico, quando analisa a afirmação do historiador de nossa literatura que diz ter sido decisiva a influência de

Almeida Garrett sobre o romantismo brasileiro. É Alcides Maya quem afirma:

Ora, no caso corrente, o desconhecido era a origem do romantismo, e o sr. Veríssimo, que já descobriu que Zola não passa de um iletrado, e que no Brasil não há forte amor à coisa de intelectuais, conclusões reveladoras de um cérebro gigantesco, estava fadado à glória de afirmar que... o inolvidável poeta de D. Branca foi o único inspirador do movimento romântico. (...)

O assunto, aparentemente complexo e obscuro, da filiação de nossos poetas da escola que enterrou o espírito clássico, está elucidado: senão fora a existência de Garrett nunca teríamos chegado à intimidade de Byron e de Musset, de Vitor Hugo e de Lamartine, de Leopardi e de Heine, de Baudelaire e de Poe.<sup>7</sup>

Além disso, nos escritos de Alcides Maya, encontram-se também presentes alguns dos pressupostos que informavam a crítica romântica, fato que comprova a permanência de determinadas idéias e assegura a formação de uma tradição crítica. Este é o caso, sobretudo, das idéias de caráter nacionalista. Veja-se:

Notamos na literatura brasileira contemporânea certos indícios de uma tentativa nacionalista, que, cultivada carinhosamente pelos nossos poetas e escritores e desenvolvida por uma crítica metódica, poderá realizar a nossa grande aspiração de uma arte que espelhe os esplendores da natureza americana e o sentir da Pátria.<sup>8</sup>

O mesmo ocorre com o princípio da não-imitação do modelo estrangeiro, tão caro aos românticos, e ainda presente na crítica de Alcides Maya.

Infelizmente a imitação estrangeira perde a muitos artistas brasileiros de talento, desviando-os para terrenos que lhes são desconhecidos e onde só podem marchar vacilantes.

Afonso Arinos, no conto, é um dos que procuram inspirar-se nas belezas do solo pátrio e interpretar o coração popular.<sup>9</sup>

Depois de Alcides Maya, ainda antes do advento do movimento de 22, surgiu outro grande crítico no Rio Grande do Sul, que, a exemplo do primeiro, publicou inicialmente em jornal para depois reunir seus escritos nos vários livros que compõem a sua bibliografia crítica. Trata-se de João Pinto da Silva, autor da primeira história literária do Rio Grande do Sul que, a despeito da crítica mecanicista dominante durante o período do realismo-naturalismo, soube bem avaliar a produção literária nacional sem qualquer espécie de preconceito, valorizando mesmo autores que à época viam sua obra criticada, como é o caso de Cruz e Sousa. Nesse sentido, reco-



nhece o valor literário da obra do poeta catarinense, apontando para a necessidade de estudá-la em profundidade. É o autor quem diz:

Essa estranha, emocionada e dolorosa figura do poeta negro é ainda, hoje, depois de morta, como quando em vida, a vítima do silêncio condenável de nós todos, os que lhe devemos uma sensação nova, em literatura, no Brasil, num tracho de caminho desbravado, o esforço artístico, enfim, de cujos resultados agora somos usufrutuários.

Mas, nesta hora da nossa cultura geral e da nossa sensibilidade que se educa, é imprescindível estabelecer a origem da influência espiritual que o governou, definindo-lhe a individualidade vigorosa, calculando o ralo de influência que ele, por sua vez, exerceu na literatura nacional, fixando, para sempre, o lugar, o culminante lugar que lhe corresponde.<sup>10</sup>

Como Alcides Maya, João Pinto da Silva demonstrava um conhecimento profundo do literário e, apesar das limitações impostas pelas concepções teóricas do início do século, realizava, muitas vezes, uma crítica especializada, que lançava mão de conceitos puramente literários, como se pode observar na afirmação que fez a respeito da técnica composicional em Cruz e Souza.

Técnico admirável, descobria efeitos inéditos, cadências imprevisíveis, fazendo de cada associação de vocábulos um milagre de harmonia. Variando os acentos predominantes, naquele metro, — que ele decompunha, aliás, de todos os modos permitidos, variando os acentos da sexta e décima para a segunda, quarta, oitava e décima, ou simplesmente para a quarta, oitava e décima sílabas, intercaladamente, fazendo cair na sexta pausa e sílaba tônica duma palavra esdrúxula, tudo isso com rara felicidade e habilidade, — o poeta, como nenhum outro, transmitia aos seus versos aquela "quantidade de espírito sugestivo, qualquer coisa como uma corrente subterrânea do pensamento, não visível, indefinida", de que falava Edgar Poe.<sup>11</sup>

Como se pode ver, a crítica literária gaúcha, surgida ainda na vigência do Romantismo, atinge sua maioridade na obra desses dois autores durante o período ocupado pela República Velha, quando em nosso Estado era praticamente exclusiva a literatura de caráter regionalista. No entanto, dada a visão que possuíam do literário, não ficaram eles restritos ao elogio do regionalismo, como a maioria de seus contemporâneos, sabendo reconhecer a qualidade literária de obras que se apresentavam fora do modelo dominante.

Finalmente, é necessário que se faça ainda uma reflexão a respeito da relação que se estabelece entre a crítica literária e a imprensa, na medida em que o ensaio crítico no Rio Grande do Sul, como no restante do País, tem sua prática vinculada ao jornal e à revista.

A relação crítica e imprensa ocorre pelo menos em dois níveis: um primeiro, que se refere ao jornal de circulação diária; um segundo, que diz respeito à revista especializada e ao suplemento literário de publicação semanal ou quinzenal. No primeiro caso, o do jornal diário, as condições que devem ser levadas em consideração, quando se avalia o texto crítico, são as seguintes:

a) a instantaneidade do juízo crítico emitido, uma vez que esses artigos, em princípio, trabalham com textos de recente aparecimento;

b) o pequeno espaço para exame do texto literário que, na maior parte das vezes, determina que a apreciação crítica realizada apresente um caráter geral e, por isso mesmo, superficial;

c) a presença, não raras vezes, de indivíduos não especializados, sem instrumental teórico, no comando das colunas destinadas à apreciação literária;

d) o âmbito de circulação desses artigos é amplo e o público por eles atingido heterogêneo;

e) a questão da recepção do texto, na medida em que o crítico, especialista ou não, é primeiramente um leitor.

No segundo caso, o da revista especializada e do suplemento literário de publicação semanal ou quinzenal, devem ser observadas as seguintes questões:

a) a menor instantaneidade do juízo crítico, já que grande parte dos artigos trabalha com questões e/ou obras literárias de lançamento não tão recente;

b) a existência de um espaço maior para exame do texto literário, determinando apreciações críticas mais específicas e aprofundadas;

c) o menor âmbito de circulação desses artigos, atingido um público mais especializado e homogêneo, além da utilização de uma linguagem mais específica;

d) a presença de críticos especializados, portadores de instrumental teórico;

e) a questão da recepção do texto literário, pois o crítico, leigo ou especializado, é um leitor.

Todas estas questões arroladas anteriormente são importantes para a compreensão da relação crítica literária e imprensa. No entanto, entre todos os aspectos que fazem parte dessa relação, o mais importante é o que diz respeito à recepção da obra literária à época de seu lançamento, uma vez que permite que se faça um estudo da evolução do texto literário, considerada sua recepção, e, ao mesmo tempo, que se mensure sua qualidade entendida enquanto permanência no gosto de crítica. Além disso, o estudo da crítica literária, observando esse caminho, lança a questão do literário para o campo da sociologia da literatura, já que se ocupa essencialmente com a circulação que o texto literário realiza no âmbito da sociedade. Nesse sentido, o estudo da crítica literária permite que se reconstitua a visão de mundo (ideologia) característica de uma determinada época e, nesta, aqueles princípios que condicionavam a recepção do texto literário. Por essa razão, um estudo da crítica literária sul-rio-grandense que se pretende profundo deve levar em consideração este aspecto, na medida em que ela se constitui essencialmente numa prática realizada através da imprensa.

## NOTAS

1. O MOSQUITO, Periódico joco-aéreo, Porto Alegre, 18.10.1874.
2. PAREDES, Glodomiro. "Poetas e poesia". In: *Arcádia*, jornal ilustrado, literário, histórico e biográfico, 3ª série, Rio Grande, 1869, p. 82-3.
3. TAVEIRA JÚNIOR, Bernardo. "Mulher e mãe". In: *Arcádia*, jornal ilustrado, literário, histórico e biográfico, 4ª série, Pelotas, 1870, p. 219.
4. MAYA, Alcides. "Estudos e notas - Complications sentimentales". In: *Correio do Povo*, Porto Alegre, 28.7.1898.
5. —. "Estudos e notas - Cyrano de Bergerac". In: *Correio do Povo*, Porto Alegre, 24.7.1898.
6. —. "Estudos e notas - Sylvio Romero". In: *Correio do Povo*, Porto Alegre, 31.7.1898.
7. —. "O romantismo brasileiro". In: *Correio do Povo*, Porto Alegre, 19.2.1899.
8. —. "Estudos e notas - Afonso Arinos - Pelo Sertão". In: *Correio do Povo*, Porto Alegre, 1.10.1898.
9. —. "Estudos e notas - Afonso Arinos - Pelo Sertão". In: *Correio do Povo*, Porto Alegre, 1.10.1898.
10. SILVA, João Pinto da. "Cruz e Sousa - A sua cor e a sua arte". In: *O Diário*, Porto Alegre, Cia. Gráfica Porto-Alegrense, 15.6.1914.
11. —. "Cruz e Sousa - A sua cor e a sua arte". In: *O Diário*, Porto Alegre, Cia. Gráfica Porto-Alegrense, 15.6.1914.